

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Segundo as precisões, existe uma sciencia
que ora aperta, ora alarga os nós da consciencia;
e os que a sabem como eu, com um geito que lhe dão,
trocãem o mal da acção em bem, pela intenção.

Tartufo — Act. IV, Sc. V.

Tal é a moral de Tartufo, e tal o fundo d'esta politica regeneradora, e particularmente hintzacea, que depois de nos deixar roubar pela Inglaterra, de nos fazer passar por todas as humilhações na Bolsa, nos jornaes e nas ruas de Paris, ainda ha de aniquilar todo o prestigio do nome portuguez no Brazil—o que será o ultimo e decisivo pontapé na nossa arruinada situação economica!

E quando se pedirem contas de tamanhos erros —para não dizer de tamanhos crimes— a esse balôfo estadista de Caneças que, *d'un cœur léger*, nos vae arrastando para a miseria e para a vergonha, esse ávante-canecence do palacio do Calhariz responderá com ares de martyrio e arrependimento:

— «Se tantos erros pratiquei, é porque me disseram que era preciso salvar a Monarchia!...»

E continuará parodiando Tartufo; confessará o crime de que toda a imprensa o accusa; e exclamará lacrimoso aos ouvidos do seu paiz:

Creia, irmão, no que ouviu; não n'ó enganaram, não: arme-se de furor; fira, castigue, irmão!
Arroje-me de si por essa escada abaixo!
Pize-me a pés!... é pouco; inda clemente o acho!...

E o paiz que é bonacheirão e pacifico, e que tão desalentado anda pela desgraça, ainda ha de perdoar a Tartufo, como o Anselmo da traducção do visconde de Castilho; ainda se ha de revoltar contra os que accusam a politica do sr. Hintze; e— quem sabe— ainda o ha de tolerar como presidente do conselho!

* * *

Porque toda a ambição do sr. Hintze é ser presidente do conselho e *primeiro estadista* de Portugal— tal e qual como Fontes, de quem pretende ser o successor...

Até me affirmam que se veste no mesmo alfaiate do fallecido chefe do partido regenerador— só para não perder a *linha*, e mais o feitio da sobreca-saca!

Ao que parece, ha em Lisboa uma especialidade de alfaiates, que sabem fazer na perfeição sobreca-sacas para estadista. São os alfaiates da escola Fontes.

Em lhes caíndo debaixo das unhas freguez com a *linha* á altura da gravidade das circumstancias, tallham-lhe uma sobrecasaca que, em menos d'um anno, leva uma pessoa direitinha á carta de conselho...

Ha em Lisboa sobrecasacas, lindas sobrecasacas de panno preto, muito bem sobrepostas, muito bem abotoadas, muito bem enchumaçadas, sem uma préga, sem uma curva mundana, sem um desmancho, sobrecasacas geometricas e mathematicas—que são o bastante para impõem um homem ao respeito e aos salamaleques das multidões, e impõem silencio aos criticos.

São do genero:— a sobrecasaca do sr. Hintze Ribeiro e mais a sobrecasaca do sr. Antonio Ennes.

O sr. Hintze Ribeiro póde ámanhã dar Moçambique de presente aos inglezes, e declarar a guerra ao Brazil por ter proclamado a Republica—que ninguém ousará causar-lhe o menor damno. Mas porquê?... A sobrecasaca!... Mas dispa o sr. Hintze a sua sobrecasaca de ferro, e venha para o meio da rua com uma sobrecasaca como toda a gente usa: verá com que enthusiasmo o povo péga no precioso corpo de S. Ex.^a e o vae dependurar pelo pescoço no alto do Pelourinho.

O mesmo succede com o sr. Antonio Ennes. Póde o director politico do *Dia* publicar todos os dias em artigo de fundo um d'aquelles seus soporiferos e medonhos artigos, compactos e massudos, em que nos falla de Matabelles, de Machonas, Macoricoris, Mucarangas, Mutambus e mais nomes sufficientemente bundas e catingueiros,—que nem por isso os seus leitores deixarão de o lêr e de o relêr, com avidez, com delirio, com espanto e com assombro ao

mesmo tempo geographico, politico e diplomatico. Mas porquê?... A sobrecasaca!

* * *

Ah! felizardos que haveis apanhado o segredo das sobrecasacas de ferro! Quem me dera uma sobrecasaca assim—para mim, e para os meus descendentes!...

Ora vejam a quanto se reduz a complicada sciencia da vida, da fortuna e da gloria!

Anda uma pessoa a estudar, a passar as noites em branco, a queimar as pestanas, a arruinar a saude, a gastar em livros e em mestres algum vintemzinho que póde apurar pelo seu trabalho quotidiano, isto para não ser positivamente uma bêsta — com perdão de quem me ouve... E tudo são difficuldades, e empecilhos, e luctas, e privações, e desillusões, e desenganos!...

E de repente, eis que apparece um homem impertigado, grave, mudo, sêcco como um carapau sêcco, com movimentos geometricos, face impenetravel, olhar indefinivel, do qual só se sabe que é de poucas palavras, todas solemnes e ôcas, de nenhum riso, de pouca expansão, e muita sobrecasaca...

A multidão maravilhada abre alas; ouvem-se vozes respeitosas que dizem: «deixem passar! deixem passar!» — e o homem passa, mudo, solemne, impertigado e imperturbavel, sem dizer uma palavra, sem mostrar a ponta d'uma ideia; chega ao que quer, e dão-lhe tudo quanto pede, porque a sua vaidade e a sua ambição não têm limites... E porque lhe abrem alas, e lhe dão tudo quanto elle quer?...

Porque a sobrecasaca d'esse homem grave, mudo e sêcco, é diferente da dos outros!...

Assim é a vida politica — em Lisboa.

Passando das sobrecasacas politicas a assumpto mais importante, — que me digam todos quantos amam sinceramente o seu paiz, monarchicos, miguelistas, republicanos e socialistas; que me digam todos quantos collocam os sagrados interesses da patria acima das conveniencias politicas d'uma corôa ou d'um barrete phrygio; que me digam todos quantos se orgulham de serem portuguezes: — se não é um grave erro politico e economico, Portugal estar sem um ministro no Rio de Janeiro, e o nosso governo conservar uma attitude fria e hostil com um governo que, apesar de provisorio, já foi reconhecido pela França...

Certamente que é! O governo provisorio da Republica brazileira já foi duas vezes reconhecido governo de facto, em plena Europa, durante o mez de junho findo.

Foi reconhecido *politicamente* pela França, pois que o sr. Carnot recebeu no palacio do Elyseu o sr. barão de Itajubá com as mesmas honras com que recebeu o nosso ministro em Paris, sr. conselheiro Martins d'Antas.

Foi reconhecido *financeiramente* em Londres, pela casa Rotschild, que tomou firme o primeiro emprestimo do governo provisorio, de cinco milhões sterlinos. E' escusado acrescentar que a importan-

cia politica e financeira da casa Rotschild está um pouco acima d'esse triste syndicato que tomou *firme* ao governo portuguez dois milhões sterlinos, e que acabou por só lhe emprestar metade do que tinha contractado *firme*...

*
* *

N'estas circumstancias, prolongar por mais tempo esta falta de relações diplomaticas entre Lisboa e o Rio de Janeiro, é querer perder para sempre todo o prestigio portuguez no Brazil, é querer alienar gratuitamente e estupidamente as sympathias de um paiz que falla a nossa lingua e com o qual Portugal entretém as mais vastas relações commerciaes.

Certas faróflas monarchicas, certo ar *ancien régime*, e até a vaidade de querer entrar parellas com a Hespanha na triple alliança, feita por Bismarck para lutar contra as correntes democraticas e sociaes — fizeram com que o governo do sr. D. Luiz I não viesse officialmente á Exposição de Paris, só para ser agradavel á Allemanha.

A Allemanha pagou-nos esta dedicação monarchica — não intervindo de modo algum no insulto que recebemos da Inglaterra. E agora vemos que em nenhum caso teria tomado a nossa defeza, pois esperava pela grande posta da Africa equatorial, que lhe foi dada por lord Salisbury, sem fallar no presente da ilha de Heligoland...

E o que fazia o imperador do Brazil, o tio do sr. D. Luiz I, o soberano philosopho e finorio?... Não

só não acompanhava seu sobrinho na *grève* das Monarchias contra a Republica franceza e contra a Exposição do Centenario da Revolução de 1789,—mas tinha uma entrevista com o sr. Carnot em Aix-les-Bains ácerca da representação do Brazil na Exposição de Paris; escrevia uma carta autographa ao sr. Berger, commissario geral da Exposição, recommendando-lhe a commissão brazileira; e dava instrucções ao seu ministro em Paris para, no dia da inauguração do pavilhão, receber oficialmente o Presidente da Republica.

Quer dizer: O sr. D. Pedro II collocava nobremente os interesses do seu paiz acima de todos os pontos de vista monarchicos, brigantinos e orleanistas.

O sr. D. Luiz I collocou os interesses e as vaidades da monarchia e da realeza, acima dos interesses e do bom nome da sua patria.

E emquanto o Brazil augmenta o seu prestigio e o seu credito em França, — Portugal vae perdendo credito e prestigio...

E emquanto o governo da Republica franceza reconhece oficialmente o governo provisorio, o que é um triumpho para a diplomacia brazileira,—as diplomacias saloias e pantafaçudas do sr. Hintze Ribeiro, nem sequer servem para que o governo portuguez obtenha a cotisação *official* para os novos titulos, na Bolsa de Paris!...

*
* * *

E ainda ha trocistas nos botequins de Lisboa e trocistas nos corredores de S. Bento, que passam o tempo a crivar de facecias insulsas — o *brazileiro!*

Mas quando a falsa comprehensão do principio monarchico nos tiver separado totalmente do Brazil—o unico paiz com o qual negociamos sériamente; quando a França, e a Inglaterra, e a Allemanha, e a Italia tiverem aproveitado de todas as nossas troças ao *brazileiro* e de todos os nossos ataques ao governo provisorio; quando o governo da Republica brazileira passar a considerar a colonia franceza como a *colonia-irmã*, e a nutrir a maior indifferença pela colonia portugueza, — então é que havemos de vêr para que nos servem os Matabelles, os Machonas e outros cavallos de batalha e phantasmas de riqueza, com que andam a deslumbrar-nos o sr. Ennes, o sr. Chagas, e outros cavalleiros e campeões d'essa triste aventura africana, onde havemos de perder o nosso dinheiro e mais a nossa honra!...

* * *

Mas porque é que estamos sem ministro no Rio de Janeiro?...

Porque é que nos estamos a divorciar do Brazil; a deixar que outros paizes conquistem o prestigio e a situação commercial que nós alli tinhamos; e a só pensarmos em alargar o nosso prestigio no paiz de Gaza e no paiz de Machona, que são os paizes da especial predilecção politica do sr. Ennes e mais do sr. Luciano Cordeiro?...

Que diabo temos nós ganho, que negocios temos nós feito com Gaza e com Machona, que possam ser comparados com as nossas relações com o Brazil?...

Porque não havemos de estabelecer com o gover-

no provisorio as mesmas relações diplomaticas que já hoje estabeleceu a França? . . .

Porque o governo não quer? . . . N'esse caso peço licença á *Provincia* do Porto, para fazer minhas as suas nobres e altivas palavras de 24 de abril de 90:

«O estado mental dos povos já não tolera as grosseiras ficções d'outras éras. No regimen de publicidade e de critica em que vivemos, o rei não póde ser apenas symbolico. Para a consciencia publica existe realmente, activo e responsavel, um magistrado supremo da nação.»

«É a El-Rei que aconselhamos cautela. E, procedendo assim, não só usamos de um direito, cumprimos tambem um dever.»

«El-Rei tem sido enganado, tem sido criminosamente illudido pelos seus conselheiros responsaveis.»

É a El-Rei que todos devem aconselhar cautela!

Abandonados politicamente pela Allemanha, na qual a monarchia tanto havia confiado para a resolução do problema colonial; descaradamente roubados e insultados pela *fiel alliada* da dynastia brigantina; com o nosso credito profundamente abalado na praça de Paris; não juntemos agora a tanta insensatez uma quebra de relações diplomaticas com o Brazil, que será fatalmente seguida d'uma quebra de relações commerciaes.

A nossa situação politica, tanto interna como externa, não póde ser mais desastrosa. A nossa situação economica é pessima. Pensemos em estreitar relações com os povos aos quaes nos unem interesses positivos. E tratemos de evitar aventuras coloniaes, d'onde nunca tiraremos — nem proveito, nem mesmo gloria! . . .

O protectorado do Zanzibar havia sido regulado por um tratado passado no tempo de Napoleão III, entre a França e a Inglaterra. Hoje a Inglaterra regula no tratado anglo-allemao a questao do protectorado do Zanzibar, sem se dar ao incommodo de consultar a França. E a França intervem immediatamente e energicamente na letra do tratado anglo-allemao, para fazer respeitar pela Inglaterra os seus antigos tratados.

Esta attitude energica da França, que bem mostra que a Republica está disposta a fazer face a todas as audacias diplomaticas e coloniaes da Inglaterra, inspira ao *Tempo* do sr. Carlos Lobo d'Avila as seguintes reflexões:

— «E se agora effectivamente a França se propozesse a exercer uma pressao decidida sobre a questao da Africa oriental, com o motivo do convenio anglo-allemao, talvez o nosso governo podesse encontrar n'esse facto algum ponto de apoio para uma accao que ultimasse essa desgraçada pendencia, em que estamos sendo victimas das prepotencias de uma nação desapiadadamente egoista.» — (*Tempo*, 24 de junho de 90.)

D'estas palavras do director do *Tempo*, jornalista que conhece todos os segredos da politica portugueza, se conclue claramente o seguinte:

— Que não temos uma unica alliança, e que estamos a lutar isolados contra a avidez ingleza;

— E que os partidos monarchicos, que vêem hoje a monarchia portugueza sem um unico apoio das poderosas monarchias europeias, e que sentem a França com força para resistir á Inglaterra, não desdenhariam uma alliança com a Republica.

*
* *

Ora n'este terreno é que deve ser collocada a nossa politica externa. Hoje, desilludida de qualquer auxilio da Allemanha e de qualquer prova de estima e de consideração por parte da Inglaterra, — a monarchia portugueza só deve procurar allianças e relações d'interesses com os povos que fraternizam e negoceiam com o nosso povo.

Ponha de parte a monarchia certas vaidades mal cabidas por estes tempos egoistas que vão correndo, e trate de se unir á França; e trate de desenvolver as suas relações politicas e economicas com a Hespanha.

Uma união com a França será o levantamento do nosso credito no estrangeiro, e o poderoso auxilio dos capitaes francezes para o desenvolvimento das nossas industrias, da nossa agricùltura e d'algunas das nossas colonias — das que podem vir a ser lucrativas para a metropole.

Uma união dos tres paizes latinos — da França, da Hespanha e de Portugal — seria a melhor resposta á indifferença com que a Allemanha tem tratado a monarchia portugueza na questão colonial, e á insolencia com que a Inglaterra nos tratou em 11 de janeiro de 1890.

Hoje, em França e em Hespanha, a ideia d'uma triple alliança latina está adquirindo numerosos adeptos. Que em Portugal os verdadeiros patriotas combatam pelos mesmos principios, convencendo a monarchia a seguir esta nova politica, — e uma nova

era surgirá para os povos que vêem a luz do sol desde as margens do Sena até ás margens do Tejo, e que são duas vezes irmãos... pelo sangue e pelo espirito!

*
* *

Não podemos hoje contar com o apoio de nenhuma monarchia; não tratemos pois de alienar totalmente qualquer probabilidade de alliança com a Republica.

Qual não seria hoje a nossa situação financeira, se em vez de termos feito côro com a Allemanha contra a Exposição de Paris, — tivéssemos vindo *officialmente* a essa Exposição?

Teríamos sido em França o paiz mais festejado de toda a Europa; o sr. D. Carlos de Bragança, então principe herdeiro, teria sido em Paris o alvo das mais brilhantes demonstrações officiaes; teria desaparecido das ruas de Paris a campanha da calunnia movida pelos portadores dos titulos de D. Miguel; e em vez do Estado ter de fazer as suas operações com banqueiros de 2.^a e 3.^a ordem, que falham aos mais sérios compromissos, o nosso governo teria para as suas operações o apoio dos primeiros estabelecimentos de credito, — como teve o governo russo quando lançou em Paris o seu ultimo emprestimo.

E o que nos aproveitou a *grève* das monarchias contra a Exposição do Centenario da Revolução franceza?... Onde se manifestou o reconhecimento da Allemanha?... Onde nos auxiliou, diplomatica, colonial ou financeiramente?...

Voltemo-nos, pois, para os paizes com os quaes negociamos. Fugamos a toda a especie de cavallarias, como já aconselhava em agosto de 88, nas columnas do *Reporter*, o sr. Oliveira Martins. Fallava-se então na nossa alliança colonial com a Allemanha. A quinze mezes de distancia o sr. O. Martins previa tudo quanto nos havia de succeder em janeiro de 90, por causa da tal alliança que tinha por fim «fazer contrapeso á influencia ingleza na Africa» — como ingenuamente me explicava em Paris um nosso estadista... dos que por ahi ha ás duzias, da escóla do sr. Hintze.

Não foi mau contrapeso! A Allemanha disse á Inglaterra:

— «Se me não dás o que eu quero da Africa equatorial, e mais a influencia no Zanzibar, e mais a ilha de Heligoland, tomo a defeza de Portugal.»

A Inglaterra respondeu logo á Allemanha:

— «Dou-te tudo quanto me pedes, na certeza de que has de fazer ouvidos de mercador a todos os gemidos de Portugal.»

E como diz o dictado francez, que os lobos se não comem uns aos outros, — quem foi esquartejado e devorado em toda esta combinação, foi o pequeno Portugal, apesar de todas as allianças de sangue da familia de Bragança com as familias reinantes da Europa...

Os nossos monarchicos quando se lhes falla n'uma alliança com a Republica franceza, até parece que têm vomitos, imaginando nem eu sei o quê...

Chegam a ter em mais consideração o príncipe reinante de Monaco, só porque é príncipe, apesar de reinar n'um principado que é uma casa de batota — do que o presidente Carnot.

Este nojo que os políticos da monarchia affectam pela palavra Republica; o tom de desprezo com que nas columnas do *Correio da Manhã*, da *Tarde*, do *Jornal de Noticias*, e outros realejos da regeneração, se allude á Republica e aos republicanos — enchem-me d'uma alegria indescriptivel!

Porque de cada vez que estão na opposição, esses *monarchicos* de pechisbéque, que seriam os primeiros a trahir e a accusar o seu Rei, se ámanhã houvesse em Portugal um movimento revolucionario a favor da Republica, — esses *monarchicos* de pechisbéque, quando estão na opposição, são os primeiros a assustar El-Rei com o espectro da anarchia.

Comediantes!...

*
* *

Eu conheço *monarchicos* dos mais bravios, conselheiros d'estado, defensores terriveis do throno, que ainda ha pouco tempo eram não só *republicanos* — mas até *communistas*!

Foi republicano o sr. João Arroyo. E ainda o anno passado, em Paris, o sr. Pinheiro Chagas se declarava *communista*, fazendo o elogio da França revolucionaria, e defendendo os incendios que a *communa* accendeu em 1871.

Tenho na minha frente o discurso em francez do sr. Chagas, e é com verdadeiro espanto que transcrevo estas palavras d'esse conselheiro que hoje

tanto vocifera contra os republicanos, os socialistas e os anarchistas de todos os paizes:

— «*On lui reproche bien souvent les incendies qu'elle allume; mais c'est la France qui brûle, et c'est le monde, messieurs, qui est éclairé!...*»

De sorte que os *communistas* arrazaram e queimaram Paris, mas os seus incendios foram uma conquista do espirito humano, porque os clarões da *communa* illuminaram o mundo e mais o sr. Chagas—que não sabe uma palavra de grego, mas é professor de *litteratura grega* no Curso Superior de Letras!

* * *

Mas admittindo por um instante que as palavras do sr. Chagas não sejam sufficientemente revolucionarias para decidir o governo e a Monarchia a seguir uma politica de união e de approximação com a Republica franceza—passo a transcrever certas declarações feitas em publico pelo sr. Conde de Paris, o augusto sôgro de S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I.

Em 18 de janeiro de 1871—quando a Republica acabava de ser proclamada, sem ainda se saber se essa fórma de governo poderia responder cabalmente a todas as-aspirações da nação franceza—o sr. Conde de Paris escrevia de York-House, Twickenham, Middlessex, uma carta a M. Elsingre, em que lhe fallava do novo governo, e lhe dizia o seguinte:

— «*Nous déclarer républicains? mais à quoi servirait cette expression d'opinion qui n'engagerait aucun de nos amis? Quant à moi, je sais déjà que*

je suis infiniment plus républicain que ces derniers, c'est-à-dire que je n'ai aucune de leurs répugnances pour cette forme de gouvernement.»

(Assignado) — *L.-P. d'Orléans.*

*
* *

Ora desde o momento em que o augusto sôgro de S. M. El-Rei o sr. D. Carlos é o primeiro a declarar que é *infinitamente republicano* e que não tem *nenhuma repugnancia* pela Republica, — não comprehendo a furia dos realejos mais ou menos avariados da regeneração, de cada vez que se lhes falla em partido republicano, ou quando se diz em publico que a Portugal só convém, por causa do credito, da sua industria, da sua agricultura e da sua instrucção, uma absoluta communitade de interesses e de relações politicas com a Republica franceza.

E deixemo-nos de cavallarias altas! Insultados e roubados pela Inglaterra, desprezados pela Allemanha — tenhamos a sufficiente sensatez de comprehender d'uma vez para sempre, que um povo só se deve alliar aos povos com os quaes tem maior commercio de dinheiro e de ideias.

O caminho está todo traçado. A nossa diplomacia só tem que fazer em França, em Hespanha e no Brazil.

Fazer o contrario — ou é estupidez, ou é crime!...

Mariano Pina.